

Nota do Organizador: um exemplo de círculo de cultura.
“A palavra”, capítulo 5 do romance *Quarup*, de Antônio Callado, publicado pela Civilização Brasileira.

Só MUITO mais tarde é que Nando localizou no dia da lição do cla, cle, cli o princípio da diluição da noz de egoísmo que no seu peito era a pequena mas portentosa usina de atrair Francisca. No momento foi assim feito uma vertigem. A salinha escura. O projetor jorrando luz na parede caiada, na mão de Francisca que mudava um *slide*, no cabelo de Francisca. A luz do projetor de volta da parede acendendo a cara dos camponeses. Repetindo por fora o trabalho de escultura que a palavra fazia por dentro.

- Cla – disse o camponês.
- Classe clamor – disse Francisca.
- Cle.
- Clemência.
- Cli.
- Clima.
- Clu.
- Clube.

Francisca tirou um *slide* de fora da série. A palavra de duas letras mas grande na parede. Vários camponeses leram juntos:

- Eu.

Outro *slide* e disseram:

- Re.

– Pensem em classe e clamor – disse Francisca enquanto colocava o *slide* com o pronome e o verbo.

- Eu re – disse um camponês.
- Eu remo! – disse outro.
- Eu clamo – disse outro.
- Eu sei professora, eu sei Dona Francisca. Eu RECLAMO!

Mesmo agora, já habituado a assistir e a ensinar ele próprio, Nando sentia os olhos cheios d’água, quando diante de um camponês uma coisa ou uma ação virava palavra. A criança tantas vezes vai fazer a coisa a comando da palavra. Para aqueles camponeses tudo já existia menos a palavra.

- De – disse um camponês.
- Cla – disseram todos.

- Ra – disse um camponês.
- DECLARAÇÃO! – disse outro.

Como se visse entrar num alçapão um pássaro palpitante, pensou Nando. E lembrou os possantes dentes alvos e quadrados do Padre Gonçalo quando riu da emoção de Nando ao assistir a primeira aula. "É o porre do Verbo, Seu Nando!"

- Reclamar vocês todos sabem o que é – disse Francisca.

Os camponeses riram.

– Só que precisam reclamar cada vez mais. Reclamar tudo a que vocês têm direito. Direito também vocês sabem o que é. Direito que todo homem tem de comer, de ganhar dinheiro pelo trabalho que faz, de votar em quem quiser em dia de eleição.

- O voto é do povo – disse um camponês.
- O pão é do povo – disse outro,
- O pão dá vida e saúde ao povo – disse outro.

– Isto mesmo – disse Francisca – mas vamos deixar as lições passadas e aprender a de hoje. Nosso Estado tem um...

- Governador – disse um camponês.
- E o Brasil – disse Francisca – tem um...
- Presidente da República.

– Muito bem. Todo país tem seus Governadores e tem um Presidente. Mas agora o mundo tem um Governo que conversa com todos os Governos. O Governo dos Governos se chama Nações Unidas, quer dizer a União de todas essas Nações. Cada Nação tem uma lei, que manda em todos, e que se chama... Quem é que se lembra?

- Lei Áurea – disse um camponês.
- Não – disse Francisca.
- Essa não foi a que acabou com os escravos? – disse um camponês.

– Isto mesmo – disse Francisca – a Lei Áurea foi o decreto da Abolição, quer dizer, que aboliu, acabou a escravidão dos negros no Brasil. Mas tem uma lei que governa todos nós... A Cons...

- Constituição – disse um camponês.

– Muito bem – disse Francisca – cada país tem sua Constituição. Mas as Nações Unidas, que é o Governo de todos os países, tem uma DECLARAÇÃO. Chama-se Declaração dos Direitos do Homem. E está ali escrito tudo a que os homens têm direito, que é coisa feito pão, saúde, educação, voto.

- Quem é que manda mais – disse um camponês – Constituição ou Declaração?

– Bom – disse Francisca – a Constituição manda diretamente no povo brasileiro, diz o que é que os brasileiros podem e não podem fazer. Mas a Declaração dos Direitos do Homem, das Nações Unidas, vigia a Constituição do Brasil e as outras Constituições, dos outros países. Não permite que nenhuma delas tire o voto do povo, por exemplo, proibindo o voto de quem é pobre, ou preto, ou coisa assim. Não permite também que exista o cambão, por exemplo. Quem trabalha para um patrão tem direito a salário, em dinheiro do país. Assim é que os brasileiros têm seus direitos garantidos por uma...

– Constituição – disse um camponês.

– E todos os homens têm os direitos de suas Constituições garantidos nas Nações Unidas por uma...

– Declaração – disse um camponês.

– Declaração dos Direitos do Homem – disse outro.

Francisca útil, pensava Nando, como se em fogo santo se cozesse pão. Pão. Vida. Voto. Saúde. Depois das caras impassíveis dos índios as caras dos caboclos que de repente viam no bloco de letras uma realidade transposta e quase berravam FOICE NO SOL cegos por fio de foice e brilho de sol.

– As figuras, Dona Francisca – disse um camponês.

– Um momento. Vocês entenderam bem a diferença entre a Constituição do Brasil e a Declaração dos Direitos do Homem, não é?

– Entendemos, Dona Francisca. Mas a gente só chegou na palavra DECLARAÇÃO depois de estudar o cla, cle, cli que saiu da palavra...

Francisca projetou um *slide*.

– Caboclinhos – disse um camponês.

– O povo – disse Francisca – tem direito a pão, a voto e a alegria também. Caboclinhos fazem vocês pensar em quê?

– Frevo – disse um camponês.

– Bumba meu boi – disse outro.

– Maracatu – disse outro.

E se agora aqueles homens entrassem em si mesmos, pensou Nando, e vissem essas palavras na manjedoura? É verdade que em massa não seria possível e em meio a classes enormes. Mas um pequeno grupo que se eterizasse à medida que ia aprendendo e que ao mesmo tempo captasse as águas do saber e as águas da vida? Teriam sem dúvida de si mesmos uma inebriante consciência total. Num silêncio absoluto os homens viram a palavra superposta à figura da Jangada. Ninguém disse jangada por

uma espécie de orgulho: assim com a figura por trás quem não havia de saber? Depois um peixe. Depois um coqueiro. Depois uma figura mais complexa e pouco estudada ainda, uma casa num pântano com um coqueiro perto e um homem na porta.

– Coqueiro – disse um camponês.

– Alagado – disse outro.

– Homem.

– Casa.

– Que casa é esta? – disse Francisca.

– A casa do homem – disse um camponês.

– Mas como se chama a casa de vocês?

– Mocambo – disse um camponês.

– O homem da figura gosta de morar no mocambo?

– Não, mora porque não tem outro jeito – disse um camponês.

– O povo sem casa vive no mocambo – disse Francisca.

– Casa de quem não tem casa é mocambo – disse um camponês.